



Thiago (de bandana) voltou a morar com a irmã, Talita, e a mãe, Soraya, que, por sua vez, trouxe a própria mãe, Theresa, para viver em sua casa. Tarso também está sempre presente

Thiago comenta também que, com o isolamento e a mudança da avó para a casa da mãe, percebeu que se fazia necessário aqui. “A minha avó tem Alzheimer e minha irmã tem paralisia, então elas precisam de cuidados. Seria muito pesado para minha mãe fazer tudo sozinha. Assim, eu ajudo e aproveito para ficar bem junto”, explica.

Na Alemanha, a sogra de Thiago faz as vezes de mãe, mas quando voltou para casa, o fotógrafo percebeu o quanto o dia a dia com a família faz falta. Para ele, chegar ao fim do dia, abraçar a mãe, deitar no seu colo e poder dar um beijo de boa noite na avó tem sido um presente.

Nem tudo é fácil, Thiago confessa que sente um pouco de saudades do jeitinho mais reservado da vida na Alemanha. “Não é que eles sejam frios, mas lá tem um pouco dessa coisa de você respeitar mais o espaço pessoal do outro. Aqui no Brasil, a gente costuma invadir um pouquinho”, brinca, mas garante que os benefícios são infinitamente maiores.

“Estar aqui agora, ao lado delas, é a melhor forma que eu poderia pensar em passar essa pandemia. Perto da minha família, ajudando e curtindo. Mesmo com algumas brigas e desentendimentos, eu me sinto privilegiado por esses momentos, porque amanhã pode ser que eu não tenha mais”, reflete. Além da convivência com a mãe, a pedagoga Soraya Rodrigues de Souza, 60, e a avó, a aposentada Theresa de Jesus Souza, 91, Thiago tem desfrutado da companhia da irmã, Talita Rodrigues Magalhães, e do irmão, Tarso Rodrigues de Souza Vargas.

Além de poder acolher o filho, a mãe de Thiago, Soraya, está aproveitando para curtir o colo da própria mãe. Entre muitas dores e dificuldades, a pandemia trouxe a ela a chance de remediar o relacionamento com a mãe, Theresa.

A pedagoga lembra que desde muito nova sentia a dificuldade de relacionamento entre ela e a mãe, os conflitos eram constantes. Aos 15, Soraya morava no Cruzeiro e fugia de casa para dançar na Associação Recreativa Cultural Unidos do

Cruzeiro (Aruc). Quando voltava, chegava preparada para a briga.

Soraya saiu de casa aos 19 anos e manteve uma relação de idas e vindas com Theresa. Os bons momentos com a mãe eram intercalados com meses e até anos de afastamento. Em um batizado da família, as duas se encontraram em uma igreja. “Não estávamos nos falando, mas quando olhei para ela, eu me senti tocada por Deus. Rezei, pedindo para ser perdoada por qualquer coisa que tenha feito a ela, e que Deus me desse a chance de cuidar dela”, lembra, emocionada.

Foi como se ela estivesse prevenindo o futuro. Em 2018, com relutância, Soraya se tornou a curadora da mãe, que já estava com o Alzheimer avançado. Até o início da pandemia, no ano passado, Theresa morava sozinha, com cuidadoras, e era visitada pelas filhas.

Preocupada com uma possível contaminação por coronavírus,

Soraya dispensou as profissionais de saúde, assumiu para si os cuidados com a mãe e a levou para a própria casa. Enquanto o marido se tornou responsável pela rotina de medicamentos de Theresa, Soraya e Thiago cuidam da alimentação e da higiene.

A convivência foi ajudando a curar a relação das duas e, hoje, Soraya comemora o carinho que recebe da mãe nos momentos de lucidez. “Ela me reconhece, agradece, diz que me ama e que sou muito boa para ela, coisas que não me dizia antes. Não me abraçava ou me beijava e, hoje, finalmente, posso deitar no colo dela e receber carinho nos cabelos”, conta, com a voz embargada.

E, para Soraya, além do desejado amor da mãe, a lição do perdão é um dos privilégios do momento que vive. “Pratico todos os dias o exercício de perdoar com o coração”, completa.